

# O SECULO

Director—Manuel Figueira

● REDACÇÃO — ADMINISTRAÇÃO  
E OFICINAS EM LISBOA-2  
— RUA DE «O SECULO», 41 A 63  
● TELEFONES — 36 27 51 A 36 27 55  
● TELEGRAMAS — SECULO-LISBOA  
● TELEX — 12372-SECULO-LISBOA

SEGUNDA-FEIRA  
29 DE ABRIL DE 1974  
ANO 94.º — N.º 33 054 — Preço 2550  
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL  
DE TIPOGRAFIA, S. A. R. L.

## Em plena actividade a Junta de Salvação Nacional

# EXPECTATIVA EM TORNO DO FUTURO GOVERNO

TEM sido muito esgotante, desde a sua instalação no palacete da Cova da Moura, a actividade desenvolvida pelas individualidades e componentes da Junta de Salvação Nacional, desde a sua criação pelo Movimento das Forças Armadas na sequência do sucesso das acções militares de quinta-feira passada, que levaram à mudança do sistema político em Portugal.

Essa actividade da Junta, presidida pelo general António de Spínola, intensificou-se nos últimos dois dias, em particular a partir da tarde de sábado, sendo preenchida não só com reuniões destinadas à resolução de assuntos de natureza urgente e à adopção das medidas que o momento exigia, mas, também, com audiências concedidas a personalidades militares e

civis representativas das mais diversas correntes de opinião política. Tais contactos avolumaram-se ontem, registando-se durante todo o dia, naquele palacete, um movimento invulgar, com a sucessiva deslocação, ali, de numerosas individualidades, o que fez crescer a expectativa em torno da constituição do futuro Governo Provisório. Tudo indica, assim, que o prazo de três semanas, anunciado ao começo da madrugada de sexta-feira, para a formação do elenco governativo, não será esgotado. Antes, julga-se, deverá ser anunciado dentro de curto prazo, correndo, até, rumores de que está iminente.

Na verdade, as conversações da Junta com os delegados dos mais representativos movimentos políticos

receu, além de muitos outros, o general Silvino Silvério Marques, antigo governador ultramarino. A Junta de Salvação Nacional anunciou, entretanto, que, por escolha do Movimento das Forças Armadas, foram nomeados para os cargos de chefes dos Estados-Maiores da Armada, do Exército e da Força Aérea, respectivamente, o capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo (para o efeito promovido ao posto de vice-almirante), o brigadeiro Jaime Silvério Marques (promovido a general) e o general Manuel Diogo Neto, da Aeronáutica, na madrugada de ontem regressado de Moçambique. Como se sabe, os três oficiais-generais fazem parte da Junta.

Por outro lado, foi conhecida em Lisboa, através de um telegrama distribuído pela agência Lusitana, uma notícia, publicada no «Notícias da Belra», segundo a qual o general Silvino Silvério Marques seria o novo governador-geral do Estado de Moçambique. Contactado, ao começo desta madrugada, por O SECULO, o general Silvino Marques disse não estar em condições de nos poder prestar qualquer declaração, competindo apenas à Junta de Salvação Nacional pronunciar-se sobre o assunto.



Foto Eduardo Cajunho. O general Spínola recebeu Mário Soares no Quartel-General da Cova da Moura, pouco depois da sua chegada a Santa Apolónia



Foto Abel Fonseca. A primeira foto da Junta de Salvação Nacional integrada de todos os seus membros: ao centro, o presidente, general António de Spínola, à direita, pelo general Jaime Silvério Marques, vice-presidente, e, à esquerda, pelo vice-almirante Pinheiro de Azevedo, chefe do Estado-Maior da Armada, e pelo general Jaime Silvério Marques, chefe do Estado-Maior do Exército. Em segundo plano, à esquerda para a direita: o general Diogo Neto (ontem regressado de Moçambique), chefe do Estado-Maior da Força Aérea; capitão-de-fragata Rosa Coutinho e coronel Galvão de Melo

## Apelo à ordem e civismo

# A JUNTA PEDE TRANQUILIDADE

UM apelo à calma e ao civismo do povo português, que não deve nesta hora crucial da sua História, deixar-se arrastar por sentimentos de ódio e de vingança, a fim de que não venham a ser atraídos os propósitos do Movimento, que teve na defesa dos seus direitos a sua principal preocupação; é o tema da comunicação que a Junta de Salvação Nacional fez distribuir, ontem, à noite, à Imprensa, Rádio e Televisão.

É o seguinte, o texto desse comunicado:

As Forças Armadas, que em boa hora decidiram libertar o País, têm verificado, a cada passo, o extraordinário entusiasmo com que a população tem acompanhado e aplaudido todas as operações militares. As provas de simpatia e do carinho recebidas a todo o momento pelos militares por parte da população portuguesa têm constituído a melhor recompensa para quantos se decidiram assumir tão grave responsabilidade. A Junta de Salvação Nacional tem recebido numerosos pedidos e até algumas «exigências» para tomar decisões ou executar acções que, aliás, na sua quase totalidade anunciou desde a primeira hora.

Compreenderão, porém, todos quantos nos dirigiram esses apelos, que as decisões da Junta de Salvação Nacional têm necessariamente de ser escalonadas no tempo de acordo com prioridades que nem sempre poderão satisfazer a impaciência ou impossibilidade de cada um.

As Forças Armadas orgulham-se de ter levado a cabo a missão que se impuseram sem haverem derramado uma única gota de sangue e orgulhar-se-ão, também, de continuarem no cumprimento dos seus objectivos dentro desse mesmo critério. Para isso, porém, precisam da colaboração de todos os portugueses, pelo que a Junta de Salvação Nacional lança o seguinte apelo:

A todos os elementos da Direcção-Geral de Segurança e Legião Portuguesa que ainda não se entregaram pede a sua apresentação voluntária nas unidades militares mais próximas, a fim de evitarem represálias por parte de elementos da população que se mostram mais exaltados.

A todos os elementos da população aconselha a maior calma, para que todo continue a processar-se dentro da ordem e civismo que constitui apálgio das Forças Armadas.

Dado que o Movimento das Forças Armadas reconhece o princípio da não intervenção da justiça sem culpa formada, não podem as Forças Armadas consentir que elementos da população tentem exercer cegas represálias individuais ou

parecem traduzir o propósito de se concluir rapidamente o processo de constituição do Governo, não devendo pesar também a necessidade de entregar os ministérios aos novos responsáveis, tendo sobretudo em consideração o facto de esses departamentos, embora com os serviços a funcionar normalmente, estarem apenas a manter, sob a orientação dos respectivos secretários-gerais, a rotina administrativa.

Segundo informações que conseguimos obter, e que se afiguram ter fundamento, quer por haver coerência com os objectivos definidos pelo Movimento, quer por haver identificação com as correntes de opinião consultadas, o Governo Provisório, predominantemente civil, terá um leque muito aberto, afirmando-se que nele virá a assumir um papel muito importante o sector liberal, sobretudo com elementos mais ligados a S.E., D.E.S.

Entre as numerosas pessoas que ontem estiveram no palacete da Cova da Moura contam-se o antigo deputado dr. Francisco Sá Carneiro, que já na véspera ali se deslocara, e o prof. Pereira de Moura e o dr. José Manuel Tengarrinha, da C.D.E., bem como o dr. Mário Soares, líder socialista, pouco antes regressado a Portugal do seu exílio em Paris. Também ali compa-

## Remetidas à folha oficial

# PRIMEIRAS LEIS DO NOVO REGIME

A O princípio da madrugada de hoje, a Imprensa foi convocada ao Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, onde o aspirante miliciano Valdemar Marques deu conhecimento dos primeiros diplomas legais da Junta de Salvação Nacional, para publicação no «Diário do Governo» e em todos os boletins oficiais dos Estados e províncias ultramarinas. Assim, a primeira lei é a seguinte:

1. São exonerados das suas funções o Presidente do Conselho, prof. Marcelo Caetano, e os ministros, secretários e subsecretários do seu gabinete.

2. A Assembleia Nacional e o Conselho de Estado são dissolvidos.

Art. 2.º — Este diploma entra imediatamente em vigor. Visto e aprovado pela Junta de Salvação Nacional, em 25 de Abril de 1974. — a) António Sebastião Ribeiro de Spínola.

Também para publicação no «Diário do Governo» e em todos os boletins de todos os Estados e províncias foram comunicados os seguintes documentos:

DECRETO-LEI: Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como Lei, o seguinte:

O P. C. PORTUGUÊS DEFINE POSIÇÕES PERANTE A SITUAÇÃO  
● Exclusivo de O SECULO em Portugal (Pág. 2)



Foto Abel Fonseca. O dr. Sá Carneiro (à esquerda), já dentro do Palácio da Cova da Moura, cumprimentando o tenente que comandava a guarda. À direita: o prof. Pereira de Moura e o dr. José Tengarrinha em conversa com um dos oficiais da guarda do Palácio

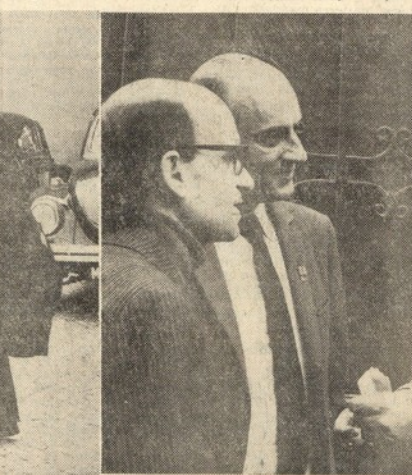


Foto Abel Fonseca. O dr. Sá Carneiro (à esquerda), já dentro do Palácio da Cova da Moura, cumprimentando o tenente que comandava a guarda. À direita: o prof. Pereira de Moura e o dr. José Tengarrinha em conversa com um dos oficiais da guarda do Palácio

## COM MÁRIO SOARES NO «SUD-EXPRESSO»

D) *Entroncamento a Santa Apolónia, a reportagem de O SECULO acompanhou a viagem dos três primeiros exilados políticos regressados a Portugal: os socialistas Mário Soares, Francisco Ramos da Costa e Tito de Morais, podendo registar as suas impressões imediatas, ao tomarem contacto com a nova realidade portuguesa.*

(NA PÁG. 5)  
ESTE NÚMERO DE O SECULO TEM 16 PAGINAS

# De Santa Apolónia à Cova da Moura

# MÁRIO SOARES RECEBIDO EM APOTEOSE E ABRAÇADO PELO GENERAL SPÍNOLA

Uma enorme multidão de muitos milhares de pessoas recebeu, em Santa Apolónia, o «leader» socialista Mário Soares, que há quatro anos se encontrava na situação de exilado político, vivendo presentemente em França. Mário Soares, que regressou acompanhado de Ramos da Costa e Tito de Morais, membros da direcção exterior do seu partido, falou à multidão que o aclamava delirantemente, antes de se encontrar, no Palácio da Cova da Moura, com o general Spínola.

O dirigente socialista manifestou a sua confiança na evolução política portuguesa a seguir ao Movimento Militar que derrubou o regime do prof. Marcello Caetano e salientou que «o momento não é de rivalidades partidárias,

da corporação, e elementos da Polícia Militar. A chegada de Mário Soares estava prevista para as 11 horas da manhã, mas anunciou-se pouco antes das 10 que o comboio chegaria com um atraso de 40 minutos.



Mário Soares na varanda da estação de Santa Apolónia: «A hora não é de rivalidades partidárias. É de unidades». Junto do dirigente socialista, operadores de cinema estrangeiros mantêm-se em perigoso equilíbrio, fora da varanda, dispostos a não perder um gesto da improvisada declaração do ex-exilado político

mas de unidade democrática». Entusiasticamente aclamado pela multidão, Mário Soares afirmou, da varanda do edifício que «as Forças Armadas restituíram ao País a voz e a alegria, num acto histórico que nunca mais podemos esquecer».

«Compete agora ao povo, aos trabalhadores, organizar a democracia», notou o leader socialista, sempre aclamado delirantemente pelo público.

O comboio não pôde entrar na gare Desde muito cedo, pessoas de todas as classes sociais começaram a afluxo ao largo fronteiro à estação de Santa Apolónia, onde se viam forças da P. S. P., em viaturas

Além, o atraso foi quase de 2 horas. As 10 já se tornava difícil penetrar na estação. Na gare n.º 3, onde o comboio deveria entrar, a multidão ocupava já por completo todo o espaço disponível.

Tanto no interior da estação como no atrio e na rua, onde, com dificuldades, agentes da P. S. P. dirigiam o trânsito, aglomeravam-se milhares de manifestantes. Viam-se muitos jovens com braçadeiras vermelhas com as iniciais «P. S.» (Partido Socialista), ajudando os militares na tarefa de organizar, na medida do possível, a movimentação do público.

Numa sala lateral, primeiramente destinada a reunião

## Pereira de Moura disposto a trabalhar com Mário Soares

Pereira de Moura, entrevistado ontem à tarde para uma emissora comercial inglesa de televisão, a I. T. V., afirmou que aceitava trabalhar com Mário Soares, caso o dirigente político, ontem regressado do exílio, viesse a formar Governo. Referiu ainda que, salvo um ou outro caso de manifestações populares mais violentas, o Povo Português tem demonstrado o maior civismo nas suas demonstrações de rua.

Advertisement for CAUNY watches. It features an image of a watch and the text: 'QUEM VENCE USA', 'CRONOGRÁFO CAUNY', 'A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA'.

de Mário Soares com órgãos da Informação e dirigentes políticos, começaram, também desde muito cedo, a aglomerar-se jornalistas portugueses e estrangeiros e individualidades conhecidas da vida política nacional. Presos agora libertados viam-se igualmente entre os que esperavam Mário Soares.

Palma Inácio, ovacionado pela multidão à chegada; António Dias Lourenço, Manuel Serra, Pedro Soares, além de outros libertados de Casias e Peniche, juntavam-se a individualidades socialistas como José Magalhães Godinho, Duarte Vidal, Raul Rego, Ribeiro dos Santos, An-

tonio Luís Nunes, Aarons de Carvalho, Salgado Zenha, e figuras políticas como Francisco Pereira de Moura, José Tengerriña, Vilaverde Cabral, Urbano Tavares Rodrigues, Dias Amado, Herculano Pires, Catanho de Meneses, Helena Neves, Luisa Amorim, Caetano Pereira e muitos outros nomes conhecidos pela sua actividade pública, nomeadamente em antigos períodos «electorais». Fernando Lopes Graça, o grande compositor português; D. Maria Iva Delgado, viúva do general Humberto Delgado, sua filha Iva Humberta, os capitães Vilhena e Varela Gomes e muitas outras personalidades.

Faltavam 12 minutos para as 13 horas quando, na sala de imprensa, se anunciou que chegara Mário Soares. A multidão, nessa altura, comprimiu-se dentro da estação. Foram tantos os manifestantes que o comboio não conseguiu entrar na gare.

Mário Soares foi, logo que chegou a Santa Apolónia, desviado por um corredor lateral da estação, a fim de entrar na sala destinada à reunião com a imprensa por uma portão traseira. Muitos manifestantes seguiram-no, porém, e tentaram entrar na sala, o que durante algum tempo produziu um movimento de recesso entre os que nela se

encontravam bloqueados pela multidão. A impossibilidade de manter Mário Soares, naquelas condições, em contacto com os jornalistas, levou os militares a retirarem o dirigente político para o primeiro andar do edifício, onde se encontram instalados serviços administrativos da C.P.

Seguido por uma verdadeira legião de jornalistas, operadores de televisão estrangeiros (espanhóis, italianos, ingleses, franceses, canadianos, americanos e de outras nacionalidades), rodeado de militares que, de mãos dadas, formavam um apertado cordão à sua volta, Mário Soares conseguiu, a muito custo, sair para o atrio da estação e tomar o elevador que o conduziria ao primeiro andar. Nesta altura, já se encontravam consigo sua mulher, a antiga actriz Maria Barroso, e algumas figuras políticas.

Um dos elementos do Partido Socialista anunciou que Mário Soares iria à varanda da estação. Só este aviso permitiu que o público abandonasse o edifício, correndo para a rua, a fim de ovacionar o «leader» político.

Fortemente ovacionado pela multidão, Soares manteve-se algum tempo fazendo o sinal da vitória e sorrindo, enquanto esperava um megafone que lhe permitisse fazer-se ouvir pelo público.

«Comrades» — disse Mário Soares —, as minhas primeiras palavras são para aqueles que ainda se não encontram entre nós e não têm possibilidade de assistir a esta jornada memorável.

Citou, depois, alguns dos nomes dos exilados políticos em que pensava: Rui Luís Gomes, Alvaro Cunhal, Fernando Pitreira Santos e Manuel Valadares, os quatro «leaders» muito conhecidos de movimentos políticos hostis à anterior situação, o segundo secretário-geral do Partido Comunista Português. A cada um dos nomes a multidão rompeu em estrondosas ovações.

«Presto a minha homenagem a todos aqueles que, ao longo desta noite de 48 anos, nunca se renderam ao Fascismo» — continuou Mário Soares, ao lado de quem se viam Manuel Serra, Ramos da Costa, Magalhães Godinho e Tito Morais.

A maior ovação viria quando o dirigente socialista citou o nome de Humberto Delgado, «um daqueles bravos que ficaram no caminho», Manuel Serra, Dias Lourenço e Palma Inácio, representando «aqueles que sofreram heroicamente pela libertação do Povo Português» foram também demoradamente aplaudidos.

Mário Soares referiu-se, a seguir «aos 100.000 jovens desertores que saíram do País para escapar à guerra colonial» e «aos dois milhões de trabalhadores que abandonaram a sua terra por não terem condições humanas para nela viverem».

Depois de apresentar os companheiros de exílio que o acompanharam no regresso, Tito Morais e Ramos da Costa, e José Magalhães Godinho, o «leader» socialista afirmou: «Presto as minhas homena-

gens às Forças Armadas, que restituíram ao País a voz e a alegria, num acto histórico que jamais poderemos esquecer. Compete agora ao povo, aos trabalhadores, organizar a Democracia. A hora não é de rivalidades partidárias, mas de unidades».

«Camaradas» — terminou Mário Soares —, temos muito que fazer na tarefa de reconstrução da nossa Pátria. Vamos de conseguir que a riqueza seja distribuída entre quem trabalha».

E acentuou: «É indispensável dar ao mundo uma imagem de responsabilidade, de unidade e de disciplina».

Grandes ovações e novos estribilhos coroaram o discurso do dirigente socialista.

## Falam Magalhães Godinho e Helena Neves

Depois, o dr. José de Magalhães Godinho, visivelmente emocionado, anunciou: «Vai assomar neste momento a esta varanda a viúva e a filha do general Humberto Delgado!»

Entre apoteótica ovação, a frágil figura da velha senhora surge ante a multidão para, desfeita em lágrimas, se abraçar a Mário Soares e Magalhães Godinho.

A seguir, em nome da comissão executiva do movimento da P. S. P., que os levou a encontrar-se no estrangeiro, como Alvaro Cunhal, Rui Luís Gomes, Francisco Miguel, Pires Jorge, Manuel Valadares, nomes indispensáveis como tantos outros, cuja reintegração na vida política se impõe».

Interrompida por aplausos que sublimavam a entrega de um gigantesco «V» feito com cravos rubros, Helena Neves prosseguiu:

«Esta hora festiva de alto significado político, assemelha-se a outro momento alto que sucedeu anteciente, a libertação de todos os farragos políticos. Estas são duas das mais importantes conquistas do povo português, iniciado com a sublevação vitoriosa das Forças Armadas».

No final das palavras de Helena Neves, o dr. Mário Soares apresentou ao povo o presidente do Partido Socialista Português, o portuense António Macedo, a quem abraçou, no meio de longos aplausos.

Por último, o dr. Magalhães Godinho falou, apesar da sua emoção, para expressar o que vai em todos os nossos corações pela chegada dos primeiros refugiados políticos, vítimas do fascismo e da violência ditatorial.

«Mário Soares — prosseguiu — Ramos Costa, Tito de Morais são o símbolo de todos aqueles que nunca se vergaram ao domínio do fascismo e souberam resistir até ao dia da vitória. Haveremos de nos encontrar todos dentro deste Portugal agora libertado».

«Honra, glória e louvor às Forças Armadas, que tornaram possível este momento de alegria. Honra, glória e louvor às Forças Armadas que souberam arrancá-lo, sacudindo da sua farda a lama que lhe tinham atirado!»

«Glória e louvor ao povo de Portugal, pois foi a sua resistência que tornou possível a mentalização das Forças Armadas.»

Perante o irremovível entusiasmo da multidão, um oficial do Exército pediu ao povo que se retirasse e se fosse postando ao longo do trajecto até à Cova da Moura, pois o dr. Mário Soares iria, em cortejo, ali apresentar cumprimentos aos elementos da Junta de Salvação Nacional.

«Prestamos a multidão dispôs em breves momentos, sem a intervenção de quaisquer elementos da autoridade.



Maria Barroso e o dr. Mário Soares, visivelmente bem dispostos, no comboio que os trouxe a Lisboa

«Prestamos a multidão dispôs em breves momentos, sem a intervenção de quaisquer elementos da autoridade.

«Prestamos a multidão dispôs em breves momentos, sem a intervenção de quaisquer elementos da autoridade.

«Prestamos a multidão dispôs em breves momentos, sem a intervenção de quaisquer elementos da autoridade.

## O encontro de M. Soares com o general Spínola

Precedido por uma enorme multidão que, continuamente, se manifestava com vivas ao socialismo e à liberdade, empunhando a bandeira nacional e cartazes com as mais diversas proclamações de júbilo, não faltando flores e coroa-

do, por vezes, o hino nacional, Mário Soares chegou à Cova da Moura por volta das 14 horas.

Sabia-se, desde a manhã, que o «leader» socialista se iria encontrar com o general António de Spínola. Um elemento da Junta Militar de Mário Soares, inter-

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

Mais tarde, ao sair, pelas 21 e 30, como esta pergunta tivesse sido renovada, o dr. Sá Carneiro acrescentou que não recebera qualquer convite nesse sentido. E a outra questão (se, no caso de ser convidado, aceitará fazer parte do gabinete ministerial) respondeu que só então pensaria no problema. Salientou, no entanto, que falara com vários membros da Junta Militar de Mário Soares, inter-

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.



O dr. Francisco Sá Carneiro, acompanhado por um redactor do O SEculo, ao entrar no Palácio da Cova da Moura

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.

roamente, limitando-se a declarar que se tratava, apenas, de conjecturas.



Atravessar o mar humano de Santa Apolónia foi uma tarefa difícil. Nem o círculo firme que os militares formaram à volta de Mário Soares conseguiu afastar dele a multidão e os companheiros solidários de outras tendências políticas. Na foto, o «leader» socialista abre caminho, abraçado a José Magalhães Godinho, seu advogado no processo político de que foi objecto e membro da direcção do Partido Socialista

Foto Eduardo Gageiro

# Entrevista no «Sud-Expresso»

## As Forças Armadas restituíram a palavra ao povo português

### — afirmação de Mário Soares a «O Seculo»

por Adelino Tavares da Silva

Mário Soares é o primeiro exilado político, com responsabilidade socialista, a regressar ao País. Impossível, claro, fazê-lo no anonimato. Basta afirmar que em todas as paragens do Sud (em que viajou desde Paris) se levantou povo a aclamá-lo, para cá da fronteira de Vilar Formoso. De tal modo as manifestações se tornaram entusiásticas e envolventes que, na estação da fronteira, por exemplo, o homem que tinha de dar partida ao comboio (também comunicado pela onda popular) veio ter com o «leader» socialista para lhe perguntar: «Senhor doutor, já posso dar saída à composição?» Só aí, o Sud atrasou quase uma hora.

Pois foi neste ambiente de euforia, onde todas as paragens do comboio eram pontos de manifestação obrigatória que registámos as primeiras declarações de Mário Soares a O SEculo. Conversa serena, corrente, simples, que começou, naturalmente, por «um certo passado»:

— Eu nasci um ano antes do 25 de Maio, logo, vivi sempre sob o regime fascista e colonialista, primeiro de Salazar e depois de Marcelo Caetano. Eu nunca assisti a nenhum momento em que não houvesse censura à Imprensa. Em 1945, no Movimento Comissão Central perenni (embora tivesse, nessa altura, apenas, 20 anos) pois, mesmo nesse período, em que se se que teria havido um dia sem censura. Não era rigoroso

terror e infundia-se o medo. O País vivia e, legitimamente, no medo daquilo que poderia dizer e não expressava nunca o seu pensamento. A glória das Forças Armadas reside no facto de ter restituído a palavra ao Povo Português e no facto de lhe ter retirado o medo. Naturalmente as sequelas desse medo deverão subsistir ainda por algum tempo, mas eu tenho esperança de que uma página muito negra e muito triste tenha sido virada na nossa História.

— Admite poder dar-se, de pronto e com urgência, essa mudança fundamental na nossa maneira de viver e pensar?

— Bem vê, nós temos grandes problemas em aberto, que têm de ser rapidamente resolvidos. Temos de recuperar o atraso económico em que

de vida digna que eles têm encontrado, com muito esforço, nos outros países europeus. Além disso, temos de recuperar o atraso em relação à educação. Temos de exercer a democracia e a liberdade. Marcelo Caetano cometeu o grande erro, que, mais que um erro foi um crime, de dizer que o povo português não estava preparado para a democracia. Ora como a Junta de Salvação Nacional o demonstrou nestes dias, o povo reagiu com um civismo exemplar ao pronunciamento das Forças Armadas. É um povo que tem este senso cívico e um povo que está preparado para a democracia. É um povo adulto. Aliás um povo que tem tantos séculos de história não podia deixar de ser um povo adulto.

seguida oficialmente pelo Governo Português, que era inevitável que uma reacção, mais cedo ou mais tarde, se provocasse. Poderia ter sido uma reacção com efusão de sangue e, nessa altura, a responsabilidade incumbiria, por inteiro, ao Governo. Felizmente que o não foi e que as Forças Armadas se anteciparam restituindo a palavra, como digo, ao Povo Português.

Uma última pergunta: — O seu regresso ao País, após o golpe de estado, tem alguma ligação, de longe ou de perto, com a futura constituição no Governo que, em breve, será instituído?

— No meu entender não se trata, propriamente, de um «golpe de estado» no sentido técnico da palavra. Trata-se de um «pronunciamento unânime das Forças Armadas, em uníssono com as mais profundas aspirações do povo português, o que é um facto muito mais transcendente e muito mais importante. Quanto à minha participação em qualquer Governo é perfeitamente prematura. Eu sou socialista, como sabe, respeito e acato as acções que o meu Partido entende por bem tomar, depois de fazer, com eles e em colaboração, uma análise política dos acontecimentos e da situação. Apesar de ser membro do Partido Socialista e querer, e Portugal se desenvolva na linha do socialismo democrático, eu penso que o momento internacional é extraordinário para ressaltar essa necessidade do socialismo democrático no Ocidente europeu, como mostra a candidatura de François Mitterrand, leader do Partido Socialista Francês e meu amigo pessoal. Entretanto, penso que a hora não é para se fazer política partidária, a hora é para assegurar, a unidade de todas as forças antifascistas e democráticas portuguesas, sejam elas quais forem e, naturalmente, a partir daquelas que tiveram uma maior implantação nacional. Apesar de socialista, eu não esqueço os meus camaradas comunistas, que ao longo destes anos tanto têm sofrido, e quero manifestar o desejo que o meu camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, bem como todos os outros dirigentes comunistas que se encontram exilados, possam regressar brevemente ao País e ajudar na obra de salvação nacional que se impõe. Naturalmente, também todas as outras correntes políticas, desde os marxistas-leninistas até à Frente Patriótica, o Partido Revolucionário do Proletariado, aos liberais, aos católicos de vários nuanças, aos republicanos, aos monárquicos liberais, todos eles têm um papel a manifestar. Deve ser o povo português que vai dizer em quem deposita a sua confiança. Eu sou democrata e inclino-me perante o voto.



Foto Alfredo Cunha

O dr. Mário Soares quando falava para O SEculo

samente verdade, visto que, a censura sempre subsistiu em Portugal, infelizmente.

— Nesse sentido, admite, por certo, um novo estilo de vida. Não é verdade? Qual?

— Bem, o estilo que eu preconizo é o da Democracia. As duas armas absolutas do regime deposto foram sempre, por um lado, a censura à Imprensa, à Rádio e à Televisão, por outro, a polícia política porque, através de uma, amordacavam as bocas e a palavra dos portugueses, e, através doutra, espalhava-se o

estamos em relação ao resto da Europa. Temos de elevar o nível de vida do povo português, assegurando uma melhor reparação do rendimento nacional e assegurando a justiça social. Temos de trabalhar para as classes operárias para o povo, visto que esses têm sido, durante estes 50 anos, os grandes sacrificados. Só assim poderemos conseguir que esses 2 milhões de trabalhadores que vivem no estrangeiro possam, dentro de um prazo a definir, regressar a Portugal em condições de encontrar aqui emprego e de lhes ser facultados os meios

— Quando teve conhecimento da intervenção armada, em Portugal, admito que se dispôs logo a quebrar o seu exílio?

— Sem dúvida. Como sabe, encontrava-me na Alemanha quando se deu a eclosão do Movimento. Estava a fazer, em nome do Partido Socialista Português, uma visita oficial ao Partido Social-Democrata Alemão que, como sabe, está no Poder, visto que Willy Brandt é o «leader» do Partido Social-Democrata Alemão e, foram os meus camaradas socialistas alemães que me informaram às primeiras horas da madrugada do que se estava a passar em Portugal. Interrompi essa visita que deveria ser de 4 dias e que devia culminear com um encontro com o chanceler Willy Brandt, que é meu camarada e meu amigo, para, justamente, regressar o mais depressa possível a Portugal. Fiz uma primeira etapa em Paris, onde eu residí durante estes 4 anos e meio, como sabe, para contactar com a Imprensa internacional e, ao mesmo tempo, para contactar com os meus camaradas dos diversos partidos socialistas europeus e contribuir para que os governos ocidentais e os países que são os aliados tradicionais de Portugal reconhecessem, rapidamente, o novo curso dos acontecimentos. Intevi, pessoalmente, juro de todos os partidos e da Internacional Socialista nesse sentido e, depois, a minha primeira preocupação foi vir para Portugal não com «nenhuma intenção especial», mas com o desejo muito sincero de, como povo, compartilhar da alegria do povo.

## O regresso de Pedro

Na mesma carruagem em que, desde Paris, viajavam os membros do Partido Socialista Português que regressaram do exílio, vinha, eufórico, assombrado, louco de alegria, mal referido ainda do que a ele próprio acabara de acontecer, um rapaz que sorria e chorava ao mesmo tempo, que apontava as costas e as pessoas com igual espanto, que se chamava Pedro e vinha de Londres.

— Tem 27 anos e sete de exílio. É descendente de Marinhão. Sabe que o caso dos que não quiseram, dignamos, sair à guerra não está, por enquanto, resolvido, mas um grande impulso de verdade atribui-o para o regresso. Immediato. Sejam quais forem as consequências.

— Estou-me nas tintas para o que possa vir a acontecer. Vim para servir um país livre. O meu. Não o era, quando, há sete anos, desertei do batalhão Cristóvão. Amanhã mesmo não apresentarei a Marinhão e direi: «afonso». Já estou. Fugir porque não quis ir para a guerra que me impuseram. Voltei porque quero ajudar a prestigar um País onde a voz do povo é a única que fala, em vez da da repressão.» Se me acedarem, fico feliz; se me prendarem, fico à espera de uma justiça real humana, em que, agora, acredito.

— Como soube o que se estava a passar em Portugal?

— Pelo rádio, pela rádio, por tudo quanto era informação. Eu estava em Londres e, ao ouvir as primeiras notícias do Movimento, já não podia ficar lá mais tempo. Agora a

acho como um passaporte que me dá entrada em todos os países, menos em Portugal.

— Então, como é que passou a fronteira?

— Ode, de uma maneira simples: com esse passaporte e a afirmação de que tenho vivido no estrangeiro, por ser comunista.

— E, com uma grande gargalhada, comenta:

— Quem é que me havia dito, para entrar, hoje, no meu País, tinha de invocar a razão que me fez sair, há sete anos. Mas estou feliz: parece ter passado o tempo da cegueira às beiradas aos monstros que nos fizeram crer que éramos.

— Uma última pergunta: — Como vivevi estes anos todos no estrangeiro?

— A trabalhar, mas nem queria saber como! Em Paris, fui técnico de química. Em Londres, servia num restaurante. Isto é: sobrevivi. Mas sofri muito. De França, por exemplo, estive para ser expulso. Valenme, que é o seu nome, chamava-se Jacooby Mas isso já lá vai e cá estou. Não sei, ainda, o que pode vir a acontecer comigo. Seja o que for, é na minha terra e livre, que continuará o futuro.

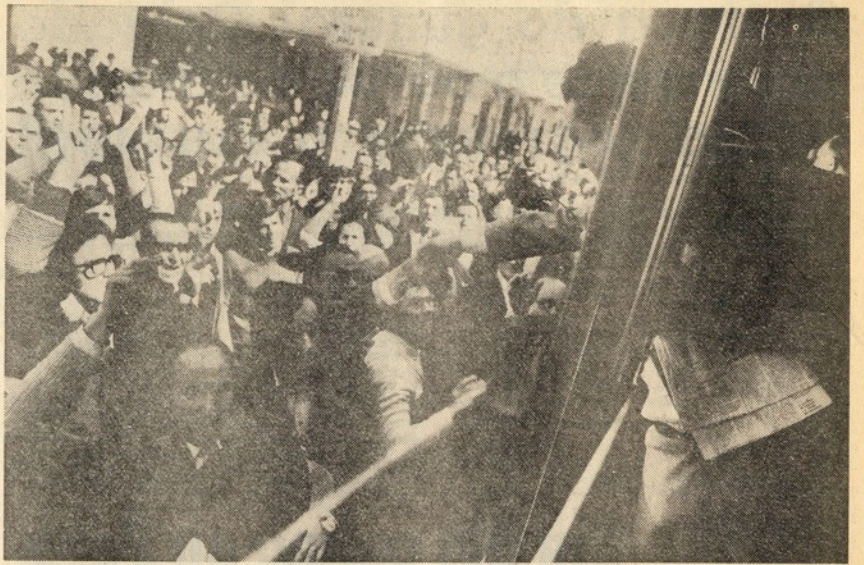
— Tem 27 anos, e sete de exílio. Esteve longe. Regressou. Triste, numa mochila às costas, tudo o que tem: pouco mais do que um capote para o frio. Chamava-se Pedro. Os apêlidos não interessam, senão às burocracias. Não é assim?

Estas as impressões de Mário Soares ao entrar em Portugal, após 4 anos e meio de exílio e ainda sem os contactos oficiais que ontem mesmo iniciou a todos os níveis.

— Sem dúvida. Como sabe, encontrava-me na Alemanha quando se deu a eclosão do Movimento. Estava a fazer, em nome do Partido Socialista Português, uma visita oficial ao Partido Social-Democrata Alemão que, como sabe, está no Poder, visto que Willy Brandt é o «leader» do Partido Social-Democrata Alemão e, foram os meus camaradas socialistas alemães que me informaram às primeiras horas da madrugada do que se estava a passar em Portugal. Interrompi essa visita que deveria ser de 4 dias e que devia culminear com um encontro com o chanceler Willy Brandt, que é meu camarada e meu amigo, para, justamente, regressar o mais depressa possível a Portugal. Fiz uma primeira etapa em Paris, onde eu residí durante estes 4 anos e meio, como sabe, para contactar com a Imprensa internacional e, ao mesmo tempo, para contactar com os meus camaradas dos diversos partidos socialistas europeus e contribuir para que os governos ocidentais e os países que são os aliados tradicionais de Portugal reconhecessem, rapidamente, o novo curso dos acontecimentos. Intevi, pessoalmente, juro de todos os partidos e da Internacional Socialista nesse sentido e, depois, a minha primeira preocupação foi vir para Portugal não com «nenhuma intenção especial», mas com o desejo muito sincero de, como povo, compartilhar da alegria do povo.

— Já tinha alguns indícios do Movimento militar que se preparava?

— Sim, eu estava seguro, desde há alguns meses a esta parte, que a situação se tinha deteriorado de tal maneira que havia um vazio no aparelho do Estado, que havia um isolamento internacional tão grande do fascismo e do colonialismo português, que havia um «consensus» internacional contra o político nos



A chegada à estação de Santa Apolónia, o dr. Mário Soares foi entusiasticamente recebido pela multidão que ali o aguardava

## Conferência de Imprensa do «leader» socialista

### «Nunca tive contactos com Spínola nem o conheço pessoalmente»

Nunca tive contactos com o general Spínola, não o conheço pessoalmente e a única ligação que até agora houve entre nós baseou-se na oferta que lhe fiz do meu livro «Portugal Balailloné» — esta foi a resposta que o «leader» socialista Mário Soares deu, na sua conferência de Imprensa de ontem a uma pergunta que lhe foi dirigida pelo representante de O SEculo.

Precisando, a seguir, a sua afirmação, Mário Soares declarou:

— O general Spínola não me deu qualquer resposta nem me transmitiu nenhuma opinião sobre esse livro.

Mário Soares falava, numa sala da estação de Santa Apolónia, perante uma verdadeira multidão de representantes da Imprensa Internacional, agências noticiosas, e repórteres de cinema e da TV portugueses e estrangeiros. O «leader» socialista, exprimindo-se ora em português, ora em francês, começou por agradecer a presença dos jornalistas e afirmou, a seguir, que «vivia um grande dia», caracterizado pelo desejo de «unidade das forças democráticas», objectivo que classificou de «essencial».

— E agora que todos os problemas que se põem à nossa Pátria vão começar — acentuou o «leader» socialista, que, num outro passo, manifestou um «vivo reconhecimento ao Povo francês pelos anos de liberdade que lhe permitiu viver e que constituem uma experiência de grande riqueza na sua vida».

A uma primeira pergunta de um jornalista nacional, Mário Soares respondeu:

— O Povo é o grande beneficiário desta vitória das For-

determinar o seu próprio futuro.

Um jornalista português perguntou como tomara conhecimento Mário Soares do movimento militar.

— Estava na Alemanha Federal, à convite do chanceler Willy Brandt, quando soube da vitória das Forças Armadas.

— Que lhe parece o programa da Junta de Salvação Nacional?

— Só hoje, durante a viagem de comboio, pude ler o programa da Junta — respondeu Mário Soares —. E não posso, por isso, analisá-lo em detalhe. A primeira impressão é que ele constitui um projecto de trabalho excelente, inteiramente razoável.

Interrogado sobre a personalidade do general Spínola, Mário Soares disse:

— O general Spínola é credor de todo o nosso reconhecimento pelo acto histórico que acaba de realizar.

Um jornalista, dirigindo-se ao dr. Mário Soares, perguntou se ele tivera conhecimento antecipado do Movimento.

— Venho de um país democrático, onde o hábito de tratar as pessoas por dr. não existe. Chame-me apenas Mário Soares — pediu o dirigente socialista. Respondendo, a seguir, à pergunta, disse:

— Como uma das principais forças políticas, tínhamos, na verdade algum conhecimento, todo ele baseado em rumores. Sabíamos que mais tarde ou mais cedo poderia haver um movimento deste tipo, dadas as condições que estavam a criar-se. Mas não prevíamos que fosse tão depressa.

**O risco do separatismo branco**

A resposta foi um pouco evasiva. Sentia-se que Mário Soares não se desejava alongar neste ponto. Já quanto à pergunta seguinte, o «leader» socialista parecia ter posição muito segura:

— O senhor teve já alguns contactos com representantes de elementos dos movimentos de libertação africanos?

— Resposta de Mário Soares: — Tive ocasião de me encontrar várias vezes, no decurso de conferências internacionais, com «leaders» de movimentos africanos. Creio que temos de continuar o diálogo com esses movimentos. Acentuo, de resto, que em todos os contactos que com eles mantive, sempre esses «leaders» me afirmaram que a sua luta não era contra o Povo Português, mas sim contra o fascismo e o colonialismo.

Ainda sobre o problema africano, Mário Soares fez uma outra declaração importante:

— Parece-me natural pensar que se corre um risco de movimentos separatistas brancos nos territórios africanos. A influência da África do Sul pode exercer-se nesse sentido. Desejo advertir aqueles que possam acalentar essa ideia de que tal via transformará rapidamente os territórios actualmente sob administração portuguesa em novos e verdadeiros «vietnams». A responsabilidade desse facto caberá inteiramente aos que se meterem nessa aventura.

A finalizar a conferência de Imprensa, Mário Soares fez votos de que regressem rapidamente os exilados políticos portugueses que ainda se encontram no estrangeiro.

**O Conselho Escolar do Instituto Industrial reuniu-se ontem em sessão extraordinária**

O Conselho Escolar do Instituto Industrial de Lisboa reuniu-se em sessão extraordinária e urgente, presidida pelo seu professor mais antigo e com a presença dos seus professores ordinários e efectivos, provisórios e auxiliares.

Foi decidido saudar a Junta de Salvação Nacional e enviar-lhe um telegrama de apoio e total adesão. Outra decisão: o professor mais antigo assumirá a direcção do Instituto, conduzido por uma comissão constituída por dois professores ordinários efectivos, um provisório, um auxiliar e quatro alunos. Tal medida visa assegurar o funcionamento normal do Instituto, e dar execução ao disposto pela Junta de Salvação Nacional, designadamente: entregar aos alunos as instalações associativas e criar comissões mistas de trabalho para assegurar o funcionamento da cantina e do bar, até ulterior resolução.

Foi ainda decidido criar comissões mistas de professores e alunos com vista a estabelecer as bases futuras da reorganização do Instituto, dar publicidade às decisões do Conselho Escolar e apelar para o espírito cívico de todos, no sentido de serem alcançados os objectivos da Junta de Salvação Nacional dentro de um espírito de mútua compreensão.



Foto Eduardo Gageiro

O V da vitória. Um elemento da escolta militar que nunca abandonou Mário Soares, desde a sua chegada até ao encontro com o general Spínola na Casa da Moura, contempla a multidão